

Tradução comentada da poesia em libras “Você está com medo? Ele não é mal” para o português

Commented Translation of Poetry in Libras “Are You Afraid? He is Not Evil” to Portuguese

Neiva de Aquino Albres*
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Anderson Rodrigues Alves*
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

7

RESUMO: Neste estudo são abordadas as principais estratégias adotadas na tradução da poesia em Língua Brasileira de Sinais “VOCÊ ESTÁ COM MEDO? ELE NÃO É MAL” do poeta surdo Fábio de Sá para a Língua Portuguesa escrita. Com base nos Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais - ETILS, desenvolvemos algumas reflexões sobre os desafios encontrados e as escolhas de tradução realizadas. Utilizamos a metodologia de tradução comentada. Apresentamos os problemas tradutórios encontrados, assim como a perspectiva da tradutora sobre as escolhas feitas. A fim de descrever o processo de construção de sentido e tornar a poesia esteticamente interessante para o público-alvo, na tradução final, buscou-se preservar as características do gênero poesia.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução comentada. Poesia. Literatura em Sinais. Libras.

ABSTRACT: This work presents the main strategies used in translating the poem “ARE YOU AFRAID? HE IS NOT EVIL”, by the deaf poetess Fábio de Sá, from Brazilian Sign Language into written Portuguese. Based on Sign Language Translation and Interpreting Studies - SLTIS, we have carried out some reflections concerning the main problems encountered when translating and the translation choices. We have used the annotated translation methodology. We present

* Doutora em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

* Graduado em Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

the translation problems encountered as well as the translator's perspective on the performed choices. In order to describe the process of meaning construction and make the poem esthetically interesting for the target-public, in the final translation it was sought to preserve the characteristics presented in the genre of poetry.

KEYWORDS: Annotated translation. Poetry. Signed Literature. Libras.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo produzir uma tradução comentada do poema em Língua de Sinais Brasileira (Libras) intitulado “Você está com medo? Ele não é mal”, produzido por Fábio de Sá, e traduzida para língua portuguesa escrita. Além disso, este trabalho consiste ainda em realizar uma análise interpretativa de um texto da Libras para a língua portuguesa, compreendendo a tradução como uma experiência de interpretação de mundo e cultura. Apresentamos comentários sobre a tradução acompanhados de justificativas embasadas em teorias voltadas à área de tradução e interpretação.

8

Autores dos Estudos da Tradução (ET) problematizam que a tradução de poesia seria uma das mais complexas tarefas de um tradutor. Tais discussões nos trazem a dicotomia entre a intraduzibilidade e a traduzibilidade de poesias. Quando se fala em tradução de poesia, é comum abordar sua intraduzibilidade ou afirmar que a poesia reside no intraduzível. Para Jakobson, por exemplo, a poesia é, por definição, intraduzível, afirmando que “somente a ‘transposição criativa’ é possível de uma para outra forma poética no interior da mesma língua, de uma língua para outra ou entre meios e códigos expressivos bastante diferentes” (STEINER, 2005, p. 283).

Acreditamos que a tradução de poesia é possível. Assim, neste trabalho, consideraremos a teoria de que o tradutor muitas vezes necessita tornar-se autor para que a tradução seja realizada. Nicoloso (2010, p. 309) afirma que

“traduzindo o poema do outro, fala de si próprio, coloca-se em evidência, despe-se e veste a fantasia do autor, torna-se o autor”.

Embora se considere importante conhecer de poesia nos dois idiomas para legitimar a tradução, há quem pense que um poeta seria o melhor tradutor para uma poesia, pois não há apenas questões linguísticas envolvidas no processo. Bassnett (2003 p. 105) cita Dryden, quando este argumenta que o tradutor precisa conhecer as características do “espírito” do autor original, além das peculiaridades culturais e da época. Weininger (2012) tensiona essa afirmação ao considerar que a equivalência é um parâmetro de pressão que prejudica a traduzibilidade de uma poesia. Essa equivalência se torna “inexorável e inalcançável, desejo mais árduo, tormenta e frustração extremada, igualando o tradutor ao próprio poeta, em certo sentido” (WEININGER, 2012, p. 194).

Portanto, pode-se dizer que estamos transitando entre dois mundos diferentes que nos dão acesso a um leque de questões culturais e escolhas lexicais, morfológicas e sintáticas, ao traduzirmos uma poesia. Desse modo, a partir dessas discussões, a realização dessa tradução teve o intuito de aumentar o número de poesias traduzidas da Língua Brasileira de Sinais para o português e refletir as escolhas que foram feitas durante esse processo.

Delineamos, como objetivo, identificar e discutir os aspectos teórico-práticos mobilizados na tradução de uma poesia em Libras, relacionando os estudos da tradução fundamentados, principalmente, em Berman (2013). A pergunta que se coloca é: Quais as experiências e reflexões a partir de uma tradução de poesia em língua de sinais que é essencialmente visual e imagética?

Teorias da tradução como referencial teórico

A construção do campo disciplinar dos Estudos da Tradução sempre esteve envolta de diferentes construções teóricas e concepções sobre língua(gem),

tradução e sociedade. “Poderíamos, por exemplo, dizer que no século XIX a norma para traduzir versos de outra língua para o francês era vertê-los em prosa. Não existia uma regra oficial que dissesse que isso deveria ser feito, mas havia um acordo tácito coletivo” (PYM, 2016, p. 250). Essa concepção se estabeleceu permeada pela ideologia de superioridade de uma língua sobre a outra, de amarras ao trabalho do tradutor, concebido como um produtor de cópia sem autonomia para criação. A partir dessa concepção, não se tem muito a fazer se não apenas “contar” o que havia na mensagem em uma poesia de uma língua para a outra língua. Contudo, os tradutores não se satisfaziam com esse tipo de atividade, um profissional das letras que tem em sua alma a poesia poderia fazer mais que narrar, ou seja, mais que construir uma prosa como uma réplica mal feita.

Quando os tradutores se deparavam com o texto estrangeiro, tomavam como certo que seu trabalho não era imitar nem sua forma, nem sua sonoridade. Quando os editores contratavam tradutores, era isso que esperavam deles. E quando os leitores se defrontavam com uma tradução literária, da mesma maneira aceitavam que poesia estrangeira deveria simplesmente ser traduzida em prosa. É claro que a norma não era respeitada por todos os tradutores; normas não são leis que todos devem seguir (PYM, 2016, p. 250).

O autor relata a história dos Estudos da Tradução e como paradigmas são abalados para novas perspectivas tomarem o cenário. No final do século XIX, “verso em prosa” já não caberia, considerando que o público não queria apenas saber a mensagem da poesia, mas desejava se emocionar e experienciar uma construção estética e artística.

De fato, em sistemas de mudanças auto induzidas, uma lógica vanguardista extrema pode significar que todos os produtores de texto, incluindo os tradutores, comecem a quebrar normas, e os leitores então esperem que as normas sejam quebradas. Isto é, a quebra de normas pode se tornar a norma, como ocorreu no Modernismo extremo (PYM, 2016, p. 252).

Nos anos de 1980 se consolida o que é conhecido como a “Virada Cultural” nos Estudos da Tradução: independência, liberdade de pensamento para além da

análise linguística da tradução e ampliação de temas e perspectivas teóricas e metodológicas (LEFEVERE; BASSNETT, 1990).

Neste tópico, apresentamos os pressupostos teóricos desenvolvidos por Antoine Berman (1985- 2013)¹. Encontramos neste autor um conjunto de ferramentas analíticas, um apoio para o estudo da tradução a partir dos conceitos desenvolvidos, chamadas de tendências deformadoras. O autor desenvolveu um delineamento metodológico para traçar um caminho de produção, reflexão e análise de tradução.

Berman (2013) afirma que, em traduções, a letra dos originais é “deformada” em benefício do “sentido” e da “bela forma”. Assim, para o autor, dentre as principais tendências, estão relacionadas: a racionalização, a clarificação, o alongamento, o enobrecimento e a vulgarização, o empobrecimento qualitativo, empobrecimento quantitativo, a homogeneização, a destruição dos ritmos, a destruição das redes significantes subjacentes, a destruição dos sistematismos textuais, a destruição das redes de linguagens vernaculares, a destruição das locuções e idiotismos e o apagamento das superposições de línguas. Diante do restrito espaço para o artigo, vamos tratar apenas do alongamento e empobrecimento qualitativo.

O alongamento é, de certo modo, uma consequência da racionalização e da clarificação, “Toda tradução é tendencialmente mais longa do que o original. É uma consequência, em parte, das duas primeiras tendências evocadas. Racionalização e clarificação exigem um alongamento, um desdobramento do que está, no original, ‘dobrado’ (BERMAN, 2013, p. 51).

Mais especificamente sobre poesias, o autor afirma que o empobrecimento qualitativo “remete à substituição dos termos, expressões, modos de dizer do original, por termos, expressões, modos de dizer, que não têm nem sua riqueza

¹ Livro *La Traduction et la lettre ou l’Auberge du lointain* (1985) que é resultado da compilação do material utilizado por Berman no seminário sobre tradução proferido no *Collège International de Philosophie* em Paris. Para esse trabalho, utilizamos a edição traduzida para o português (2013).

sonora, nem sua riqueza significativa ou - melhor - kônica” (BERMAN, 2013, p. 53). A “alma” da poesia está em tocar o sujeito que lê, não como uma leitura técnica, mas uma leitura diferente. Dessa forma, o que vínhamos discutindo de tradução de “verso por prosa”, ocorre um empobrecimento ao se perder a corporeidade icônica de uma palavra. Nesse sentido, Berman (ibid.) observa que, na tradução de poesia, se faz imprescindível a sonoridade, a corporeidade icônica da palavra.

Quando o tradutor trabalha com línguas de modalidades distintas como línguas de sinais, em que sua materialidade é o corpo e registro em vídeo, para línguas vocais-auditivas escritas, em que sua materialidade são palavras escritas, há um grande desafio, limites e muitas possibilidades.

Em uma perspectiva dialógica da linguagem a tradução é concebida como criação e arte.

A tradução como arte é produto de uma subjetividade especial, que, mesmo traduzindo obra alheia, tem a incumbência de lhe dar vida própria na língua de chegada, isto é, de fazer do original uma obra independente numa outra língua, numa outra cultura, dando-lhe uma nova existência histórica. (BEZERRA, 2012, p.18)

Tradução comentada como metodologia de pesquisa

Desenvolvemos uma pesquisa qualitativa empregando o método de estudo de caso em que uma tradução é analisada. Mais precisamente, utilizamos a tradução comentada (ALBRES, 2020). A metodologia está envolta da análise dialógica da linguagem (BAKHTIN, 2006), considerando o gênero discursivo poesia, os sujeitos envolvidos e o enunciado concreto como um discurso singular e irrepitível. Nesse sentido, “o olhar para a linguagem deve ocorrer em suas reais condições de produção, pois, obrigatoriamente, os sentidos implícitos nessas práticas só emergem na interação real e viva entre sujeitos singulares” (NASCIMENTO, 2016, p. 218). Quanto à concepção do estudo da tradução, a

assumimos como uma “reflexão da tradução sobre si mesma a partir da sua natureza de experiência” (BERMAN, 2013, p. 24).

As etapas da pesquisa percorridas foram pré-tradução, tradução e pós-tradução.

- a) A pré-tradução envolveu escolha da poesia, estudo sobre o autor e sua obra, leitura, interpretação inicial da poesia, compreensão do contexto mais amplo de produção e circulação da obra e ponderações iniciais.

Registramos que tanto o material usado para a tradução (vídeo) quanto as ilustrações constituem-se de dados de acesso público² e irrestrito, não requerendo a submissão em Comitê de Ética, conforme a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012). São provenientes de sites pessoais ou de redes sociais (*Facebook*) com cadastro pessoal configurado como público.

13

- b) A etapa da tradução envolveu o ato de tradução em si com o registro das impressões, excitações, sentidos construídos no processo em diário de tradução; construção de documentação, pesquisa em dicionários e sites, revisões e alterações. A tradução foi realizada em 2019 e a redação do artigo em 2020. Os instrumentos de pesquisa selecionados foram o diário de tradução e documentação.

Para a tradução, foi imprescindível realizar uma análise minuciosa do vídeo, desse modo fez-se necessário assistir o poema por diversas vezes. Como estratégia de trabalho, optou-se por diminuir a velocidade do vídeo, e dividi-lo por unidades de tradução (blocos de informação). Após, foi realizada a transcrição do vídeo em forma de glosa, respeitando a estrutura da língua de

² Acesso público seria "dados que se encontram disponíveis sem restrição ao acesso aos cidadãos em geral, não estando sujeitos a limitações relacionadas à privacidade, contidas em qualquer meio, suporte e formato produzido ou gerido por órgãos públicos ou privados" (BRASIL, 2011).

partida. Sendo assim, a glosa foi apenas um auxiliador “base” para a tradução. Na glosa registramos algumas palavras correspondentes à cada sinal para servir de material para a tradução.

c) A pós-tradução consistiu na apreciação e análise da tradução realizada.

Os princípios da análise dialógica da linguagem (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006) se estabelecem na concepção de língua em sua condição discursiva. Assim, qualquer discurso está penetrado por discursos de outrem. A tradução é essencialmente dialógica e a produção do conhecimento sobre a tradução fazendo uso de textos escritos, como este artigo, reverberam outros discursos. Pela escrita do texto acadêmico, dialogamos com outros autores, e pela experiência com o método de tradução comentada, dialogamos conosco como autores da tradução. Para isso, fazemos uso, portanto, de memórias do processo de tradução, de nossos discursos em outro tempo-espço, sendo recuperados de forma mais rigorosa por meio do diário de tradução, visto que o pensamento é efêmero. São discursos já-ditos que cruzam o texto (artigo), vale citar que não há palavras neutras e sem historicidade. As escolhas tradutórias também são ideológicas e singulares. Esse novo texto (artigo) será lido e interpretado por leitores que lhe darão seu acabamento, seu tom será construído a partir de um conjunto de sentidos que estão impregnados de relações dialógicas.

Nesse sentido, nos filiamos à perspectiva dialógica da linguagem em que o outro é essencial, pois “toda a palavra serve de expressão a um em relação a outro [...]”. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006 [1929], p.113).

Reflexão sobre a tradução: tradução comentada em prática

Antes da apresentação da poesia e sua tradução, dedicamos uma seção para apresentação do autor da obra.

- Sobre o autor da poesia

Fig 1: Foto do Fábio



Fábio de Sá Silva nasceu em São Paulo, ele e seu irmão mais velho são surdos de nascença. É formado em Letras Libras pela UFSC, professor de Libras, trabalha com crianças surdas e na formação de tradutores e intérpretes de línguas de sinais. Fábio de Sá também é artista e poeta, ministra oficinas de Libras com a temática de produções artísticas.

Fonte: <https://www.itaucultural.org.br/secoes/formacao/confira-a-lista-de-selecionados-para-a-oficina-sobre-visual-vernacular>

O autor tem uma página pessoal no *Facebook* com suas produções em Libras. Compila poesias, contos, produções de Visual Vernacular, conhecida como Libras 3D.

<https://www.facebook.com/Fabiodesa.libras/>

https://www.youtube.com/watch?v=Zv9UGuPU7_A



15

- Sobre a Poesia

Produzida por Fábio de Sá, a poesia “Você está medo? Ele não é mal”, com a duração de 38 segundos, teve sua publicação em 24 de maio de 2018 por meio de um canal do *YouTube*. O título em português foi dado por ele ao nomear o vídeo publicado nessa plataforma.

A poesia em língua de sinais, manifestação artística da cultura surda, insere-se no folclore surdo, um conjunto de histórias, piadas, poemas, narrativas de experiência pessoal, fábulas que são transmitidas no seio da comunidade surda,

como forma de preservação de sua identidade (CARMEL, 1996; apud SUTTON-SPENCE, 2007).

Por fazer parte de um gênero literário, a poesia é capaz de expressar sentimentos, lutas, crenças, ideologias, poder, superação, conhecimento, etc. Sendo assim, esse gênero é bastante explorado pela comunidade surda. Segundo Sutton-Spence (2014), a poesia de língua de sinais constitui “[...] elementos da identidade Surda, conhecimento e poder surdo e ouvinte, movimentos de resistência surda, ideologias e discursos hegemônicos, que foram todos percebidos como essenciais em vários poemas sinalizados” (ibid., p. 113).

Em língua de sinais, as poesias têm uma marca muito forte da comunidade surda, e isso é perceptível quanto a visualidade, pois a simultaneidade da língua nos traz aspectos diferentes das poesias em línguas de modalidade vocal-auditiva. Emoção, rimas, simetria, movimento do corpo, expressões não-manuais, entre outros elementos realizados em língua sinais, nos traz sentimentos particulares.

- Sobre a tradutora e o tradutor

A obra foi traduzida na disciplina de Literatura Surda 1 do curso de Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) por Anderson Alves e por Neiva de Aquino Albres em processo de orientação e estudo de tradução comentada. A tradução foi produzida durante o segundo semestre de 2019. Os autores do artigo são tradutores de Libras-português. Neiva de Aquino Albres é pesquisadora vinculada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução (PGET) da UFSC.

- A poesia em Libras e em português

Quadro 1: Apresentação bilíngue da poesia - Libras e português.

LIBRAS	TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS
<p>Figura 1 - Vídeo do poema publicado no canal do YouTube do autor.</p>  <p>Medo Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=0frsPCsqlVo</p>	<p>Não tenha medo do inesperado</p> <p><i>Em meio a tanta distração, surge uma preocupação, Ao olhar o que vem, me sinto como um refém, Vejo algo inesperado, e tenho medo do não pensado.</i></p> <p><i>Fugir sem rumo parece o mais sensato, Mas me dou conta do quanto estou errado, Ao ver novamente o inesperado.</i></p> <p><i>O medo me invadia, Pois não acreditava no que eu via. Fujo e corro ao alto, Pensando ser o mais sensato.</i></p> <p><i>Do alto se aproxima, E o medo já não me domina. Após o medo ter partido, Com um abraço me tranquilizo.</i></p> <p style="text-align: right;">1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14</p>

Fonte: Produção dos autores.

- Sobre o contexto histórico da obra traduzida

A obra foi produzida em um período de difusão da Libras, após seu reconhecimento legal (BRASIL, 2002) e de um conjunto de legislação que garante os direitos linguísticos dos surdos (BRASIL, 2005, 2015). Contudo, ainda está restrita a uma parcela da população brasileira que conhece a Libras. Em contextos mais amplos de produção e circulação, coexistem discursos depreciativos sobre a Libras e sobre os surdos. Dessa forma, a comunidade surda mantém sua luta pelos direitos linguísticos e a poesia é uma forma de expressar esses sentimentos.

O autor da poesia participa de movimento surdo para a difusão da arte visual. Está na vanguarda de festivais de língua de sinais e cultura ou arte surda. Vivemos um momento de expansão da atuação cênica em Libras, das artes visuais e a expressão da cultura surda, bem como de maior visibilidade da produção cultural na comunidade surda.

- Comentários sobre a tradução

Pode-se observar, na tradução, a preocupação em manter a estrutura estética da língua de chegada (português), dividindo o texto em quatro estrofes, com importantes recursos métricos e sonoros na poesia. A poesia em Libras escolhida explora elementos corpóreo-visuais, como “modos de produção de sentido executado pelo corpo em relação ao tempo e espaço, como um projeto discursivo que conduz o interlocutor para a compreensão dessa língua(gem)” (SILVA; ALBRES, 2019, p.09). A seguir, apresentamos a interpretação dos excertos do vídeo em Libras, acompanhado dos frames do vídeo (figura), seguido da tradução - estrofe por estrofe, como também da análise do processo tradutório.

PRIMEIRA ESTROFE

No início do vídeo, o autor introduz a poesia. Uma pessoa parada, caminha e percebe que algo vem ao seu encontro, logo incorpora esse ser que caminha de forma diferente, retoma a pessoa que se deparou com um ser ainda não especificado, apresenta uma expressão facial de medo misturado ao desespero (00 a 04 segundos).

Figura 3: Frame das imagens do vídeo em Libras da primeira estrofe



Fonte: Produzido pelos autores com base no vídeo da poesia.

Essa parte do vídeo foi traduzido como a primeira estrofe:

Primeira estrofe Em três versos	<p style="text-align: center;"><i>Em meio a tanta distração, surge uma preocupação,</i> (1)</p> <p><i>Ao olhar o que vem, me sinto como um refém,</i> (2)</p> <p><i>Vejo algo inesperado, e tenho medo do não pensado.</i> (3)</p>
------------------------------------	--

Os quatro primeiros segundos do vídeo compõem a inspiração para a criação da primeira estrofe. As expressões em Libras apenas criam expectativas, tudo muito incerto e obscuro. Ainda não se sabe do que se trata, como um tema em suspense. Que termo usar em português para registrar efeito de sentido similar?

Para se referir a esse ser que se aproxima apresentado em Libras por uma mão com o dedo indicador estendido, traduziu-se no 2º verso por “o que vem” e no 3º verso por “algo inesperado” considerando que a mão com esse ser se mantém em suspensão e é retomada ao final da primeira estrofe. Ainda não se explicita o que seria, assim, na tradução não se pode denominar. Em diário de tradução, no processo da atividade foi registrada a seguinte reflexão:

Ao realizar a tradução, foi necessário pensar no texto como um todo, como ficaria o seu sentido na outra língua, se atenderia o que o autor queria transmitir. Na língua fonte, em um primeiro momento, a poesia causa uma certa angústia, e o desafio foi justamente esse, transmitir todos esses sentimentos de forma perceptível na língua alvo (DIÁRIO DE TRADUÇÃO).

As expressões não-manuais estruturam as marcações de flexão de intensidade dos adjetivos e flexão de grau dos substantivos. As expressões não-manuais possuem uma gradação que representam diferentes graus de intensidade e de tamanho. Da mesma forma, as expressões não-manuais também podem marcar plural, sentenças subordinadas, relativas e condicionais, estruturas de ênfase e topicalizadas (QUADROS; KARNOPP, 2004). A carga emocional de um sinal manual é, muitas vezes, incorporada ou intensificada pelos marcadores não-manuais, principalmente, pelos marcadores faciais.

Essas marcações não-manuais têm importância não apenas fonética e fonológica. Liddel (2003), ao analisar a língua de sinais americana, destaca a importância do rosto e dos movimentos da cabeça nos fenômenos sintáticos. Por exemplo, para o autor, a alteração da expressão facial ou da posição da cabeça pode indicar a mudança dos componentes sintagmáticos como orações subordinadas, coordenadas, locuções adjetivas e adverbiais dentre outros.

No início do vídeo, o autor utiliza uma expressão não-manual, traduzida por “*algo inesperado*” (3º verso), ele repete essa expressão por algumas vezes para enfatizar o sentimento de medo. Embora as imagens estejam um pouco distorcidas, podemos observar as expressões corporais utilizadas pelo autor para marcar que algo inesperado, fora do comum, e que estava se sentindo amedrontado.

É possível apreender que a tradução foi inspirada no enunciado em Libras e segue uma “narrativa”. Contudo, a poesia construída em português ganha outra vida quando em palavras. Praticamente quatro sinais manuais associados a algumas expressões faciais transformam-se em vinte e sete palavras. Para

Berman (2013), esse é um efeito da tradução, o alongamento da tradução inerente a um processo de racionalização do tradutor que tem como intenção construir efeitos de sentidos semelhantes na tradução.

SEGUNDA ESTROFE

Dando continuidade ao vídeo, apreendemos da expressão em Libras uma fuga, o sujeito corre desesperadamente com medo do que viu, se esconde atrás de algo. Os sinais manuais apresentados foram MEDO, FUGIR e ESCONDER. Ao final dessa estrofe, novamente esse ser desconhecido vem ao seu encontro andando de forma estranha (04 à 15 segundos).

Figura 4: Frame das imagens do vídeo em Libras da segunda estrofe



Fonte: Produzido pelos autores com base no vídeo da poesia.

Traduzido como segunda estrofe:

Segunda estrofe Em três versos	<i>Fugir sem rumo parece o mais sensato, (4)</i> <i>Mas me dou conta do quanto estou errado, (5)</i> <i>Ao ver novamente o inesperado. (6)</i>
-----------------------------------	--

Aqui, o problema de tradução se estabeleceu em manter ou não o ser de forma indefinida. No verso 6, optou-se por criar “Ao ver novamente o inesperado”. Outra dificuldade que a tradução dessa estrofe apresentou foi o uso de expressões que tivessem uma sonoridade com o conjunto da estrofe, uma vez que quase toda a primeira metade da história se passa sem se saber que ser é esse que tanto lhe dá medo, que o faz fugir e se esconder. É o caso da escolha das palavras “sensato”, “errado” e “inesperado” para provocar um efeito de sentido similar ao da poesia em Libras.

Concordamos com Berman (2013) que, ao traduzir, modificamos em benefício do “sentido” e da “bela forma”. Desenvolvemos um alongamento com base em 10 segundos de vídeos e de sinais, por vezes, repetidos da primeira estrofe. Buscamos diferenciar, explicitar sem definir o que seja esse ser e rimar as palavras.

TERCEIRA ESTROFE

Na sequência da poesia, o medo permanece. Ele se desespera, corre com medo, sobe circularmente e fica ao alto desse espaço (não especificado), que parece ser uma montanha (16 a 20 segundos), o que é traduzido na terceira estrofe.

Figura 5: Frame das imagens do vídeo em Libras da terceira estrofe





Fonte: Produzido pelos autores com base no vídeo da poesia.

A tradução ficou da seguinte forma:

Terceira estrofe Em quatro versos	<p style="text-align: center;"> <i>O medo me invadia, (7)</i> <i>Pois não acreditava no que eu via. (8)</i> <i>Fujo e corro ao alto, (9)</i> <i>Pensando ser o mais sensato. (10)</i> </p>
--------------------------------------	---

Novamente, nos deparamos com o desafio de construir palavras que seguissem a lógica dos acontecimentos narrados, ao mesmo tempo em que fossem esteticamente apreciadas pelo leitor ouvinte, isto é, que pudessem ser lidas em voz alta e que tocassem o interlocutor que a ouvissem. A fim de não cairmos no “empobrecimento” da tradução, como aponta Berman (2013), buscamos incessantemente a sonoridade, a corporeidade icônica da palavra.

No verso 9, “*Fujo e corro ao alto*”, a expressão correspondente “*ao alto*” foi escolhida por ser genérica, até mesmo porque na expressão em Libras não se tem indícios mais explícitos de que objeto alto é esse, parece ser o topo de uma montanha, mas para não expressar o incerto, ficamos novamente com um termo genérico.

O outro uso foi, provavelmente, a tradução mais trabalhosa de todo o texto, a começar pela sua compreensão.

Figura 6: Frame da imagem do vídeo em Libras para o sinal de PESSOA



Fonte: Produzido pelos autores com base no vídeo da poesia.

Como nomear algo tão específico e tão efêmero? Antes, já havíamos usado o “inesperado” e o “ser” para nomear esse sinal (Figura 6). Portanto, no verso 8, optamos por construir a expressão “*não acreditava no que eu via*”. Assim, resolvemos a questão de colocação desse ser sem o especificar novamente. Vale considerar que o suspense e a incerteza é o ponto nevrálgico dessa poesia. O leitor deve ficar excitado sem saber ao certo do que se trata.

A preocupação dos tradutores estava em traduzir a fim de produzir em português efeitos de sentido correspondentes e não se “distanciar” tanto da obra de partida. Sentimento esse indefinido e vago quanto se trata de um distanciamento não mensurável, mas apenas sentido pelo tradutor. Com base na perspectiva dialógica,

a tradução é um diálogo de culturas, uma interação do meu com o do outro, uma troca solidária na qual a língua de chegada se empresta à obra do outro para torná-la realidade estética num contexto estranho, onde ela se torna um Jano bifronte: primeiro pertence à arte da palavra comum ao sistema literário da língua de partida, depois à arte da palavra comum ao sistema literário da língua de chegada (BEZERRA, 2012, p. 19).

Trabalhar baseados em perspectivas teóricas que levam em consideração os aspectos sociais e históricos, como também os aspectos culturais e colocam o humano na centralidade do processo. Não há espaço para o sentimento de amarra do tradutor ao texto de partida, mas sim espaço para criar enunciados outros na língua da tradução inspirados na língua a partir da qual se traduz.

QUARTA ESTROFE

O poeta respira ofegante e se amedronta ao perceber que esse ser que o persegue está mais próximo, corre mais um pouco e o vê se aproximando cada vez mais. Esse personagem anda de forma esquisita e fica frente a frente lhe dando um abraço que é retribuído de forma desajeitada. O poeta finaliza dizendo “que susto” olhando para a câmera (21 a 20 segundos).

Figura 7: Frame das imagens do vídeo em Libras da quarta estrofe



Fonte: Produzido pelos autores com base no vídeo da poesia.

Traduzido por:

Quarta estrofe
 Em quatro versos

Do alto se aproxima, (11)
E o medo já não me domina. (12)
Após o medo ter partido, (13)
Com um abraço me tranquilizo. (14)

As expressões não-manuais (movimento da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco) auxiliam na marcação de construções sintáticas e de sinais específicos. Nesse excerto do vídeo fica evidente todo o processo de incorporação do ser estranho, como também do sujeito que foge desse ser. Todo o verso em português é construído em primeira pessoa, como se o sujeito que foge fosse um narrador ao mesmo tempo em que mantemos a busca pela sonoridade, como registrado no diário de tradução produzido no momento da tradução.

A tradução foi realizada de forma a tentar respeitar as diferenças de modalidades. Para tal, foi necessário tomar-se atenção aos jogos sonoros, próprios de língua oral, aproveitando assim, de recursos fonéticos, na qual, pode-se percebidos na versão em português, com o objetivo de aflorar emoção e prazer poético a quem lê (DIÁRIO DE TRADUÇÃO).

No diário de tradução, recuperamos o pensamento, as reflexões e as intensões dos tradutores, sendo possível apreender a preocupação com os jogos sonoros. Em síntese, a poesia produzida em Libras apresenta uma alta complexidade por ser um texto-discurso visual, imagético. Na poesia em Libras, há um jogo corporal e facial incrivelmente complexo. Construir uma tradução para essa poesia foi um desafio linguístico-discursivo e cultural, como descrito nos comentários sobre a tradução.

Com a tradução em português, a poesia surda ganha novos espaços sociais.

A obra traduzida ganha vida própria, ganha autonomia em relação ao sistema que a gerou. Integrando o sistema da língua da tradução, ela passa a integrar também o sistema da literatura universal. A arte de traduzir possibilita a uma obra transcender seu espaço, seu tempo e sua cultura e universalizar-se na língua de chegada, na língua do outro, do tradutor (BEZERRA, 2012, p. 19).

Vivendo essa tradução, constatamos como o conhecimento de teorias da tradução associado a competência tradutória e ao respeito às línguas e culturas envolvidas são capazes de produzir uma poesia sensível e envolvente na língua da tradução.

Considerações finais

Realizar a tradução do poema em Libras “Você está medo? Ele não é mal”, de Fábio de Sá, para o português “*Não tenha medo do inesperado*” foi um desafio. A tarefa de traduzir um poema que tem como suporte material o vídeo, por ser de uma modalidade gesto-visual, para um formato escrito, não foi simples. Realizamos uma descrição detalhada das escolhas linguísticas e discursivas utilizadas para recriar a estética literária na versão em português com uma reflexão crítica sobre seu fazer tradutório.

Com esta tradução comentada evidenciamos o constante processo de diálogo entre os tradutores e o autor, um diálogo ativo e responsivo na busca pela criação de uma tradução sensível e estética. Características tradutórias, como descritas por Berman (2013), de alongamento e a busca incessante por evitar o empobrecimento qualitativo foram evidenciadas em todo o processo e registradas no diário de tradução.

27

A dinâmica de tradução em equipe e sob orientação em uma perspectiva didática foi evidenciada como uma potência em sala de aula para a formação de tradutores. A partir de um projeto de tradução de poesia como prática tradutória, revisitando a teoria para contribuir com a reflexão do tradutor, chegamos a este resultado. Para entender melhor as implicações do uso da tradução comentada para fins didáticos, estudos futuros poderiam abordar a sequência didática e as intervenções pedagógicas para o ensino da tradução de poesia associada ao uso de tradução comentada como estratégia pedagógica.

Com base nessas conclusões, se faz importante desenvolver outras pesquisas de tradução do gênero poesia para registrar as estratégias tradutória a fim de contribuir com outros tradutores e com aprendizes (tradutores-em-formação).

Assim, pode-se afirmar que o tradutor se dá a liberdade para produzir um novo texto a partir das características linguístico-discursivas do texto de partida, mantendo o fio de significação, mas contraditoriamente estando aberto a novas construções de sentidos pelos leitores da obra traduzida. No entanto, apesar dessa aparente liberdade, com a tradução comentada apresentada neste artigo, evidenciamos o intenso trabalho com a poesia, em que a estética das letras e a forma não se sobrepuseram ao conteúdo, ao contrário, trabalharam de forma harmoniosa. Com um olhar criterioso, podemos afirmar que os tradutores se entregaram para a construção de uma tradução observando a forma e conteúdo.

Referências

ALBRES, N. A. Traduções comentadas de poesias em e traduzidas para línguas de sinais: um método de pesquisa em consolidação. *Revista Araticum*. v. 21 n. 01 (2020). Dossiê Literatura Surda e Outras Literaturas Marginais. DOI: <https://doi.org/10.46551/2179679320200005> Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/araticum/article/view/2739/2696>

BAKHTIN, M. M./ VOLOCHÍNOV, V.N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 12. ed. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006 [1929].

BASSNETT, S. História da tradução literária. In: _____ *Estudos da Tradução: Fundamentos de uma disciplina*. Tradução de Vivina de Campos Figueiredo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. p. 75-124.

BERMAN, A. *A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo*. Tradução de Marie-Hélène Catherine de Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Florianópolis: Copiart, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/178888>.

BEZERRA, P. Tradução e Criação. *Linha D'Água*, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 15-23, 2012. DOI: 10.11606/issn.2236-4242.v25i2p15-23. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/47712>. Acesso em: 5 dez. 2020.

BRASIL. Lei Nº 12.527, de 18 de novembro de 2011. Regula o acesso a informações. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12527.htm

BRASIL. Resolução CNS Nº 466, de 12 de dezembro de 2012. diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Disponível em: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html

BRASIL. *Lei 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dez. 2000.

BRASIL. *Decreto-lei n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dez. 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em: 15 abril 2020.

BRASIL. *Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015*. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília: DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em 28 de maio de 2018.

KLAMT. Tradução comentada do poema em língua brasileira de sinais “Voo sobre rio”. *Belas Infiéis*, v. 3, n. 2, p. 107-123, 2014.

LEFEVERE, A.; BASSNETT, S. (eds.). *Translation, history and culture*. London: Cassell. 1990.

LINDDELL, S. *Grammar, Gesture, and Meaning in American Sign Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

NASCIMENTO, M. V. B. *Formação de intérpretes de Libras e língua portuguesa: encontros de sujeitos, discursos e saberes*. 2016. 318 f. Tese (Doutorado) - Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP, São Paulo.

NICOLOSO, S. Traduzindo poesia em língua de sinais: uma experiência fascinante de verter gestos em palavras. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 2, n. 26, p. 307-332, out. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2010v2n26p307>. Acesso em: 04 jun. 2020.

QUADROS, R. M. de. *As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na LIBRAS e reflexos no processo de aquisição*. Porto Alegre, 1995. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 1995.

QUADROS, R.; KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

QUADROS, R.; SUTTON-SPENCE, R. Poesia em Língua de Sinais: Traços Da Identidade Surda. In: Quadros, Ronice Müller de (Org.). *Estudos Surdos I*. Petrópolis - RJ: Arara Azul, 2006.

PYM, A. et al. Exploring Translations Theories. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 36, n. 3, p. 214-317, set. 2016. ISSN 2175-7968. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2016v36n3p214/32410>. Acesso em: 30 abr. 2020. doi: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2016v36n3p214>.

SILVA, M. D.; ALBRES, N. A. Tradução comentada do poema em língua brasileira de sinais “amor à primeira vista”. *Revista de Ciências Humanas*, [S. l.], v. 18, n. 2, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/8686>. Acesso em: 5 dez. 2020.

STEINER, G. *Depois de Babel*. Questões de linguagem e tradução. Tradução de Carlos Alberto Faraco. Curitiba: Editora da UFPR, 2005.

SUTTON-SPENCE, R.; KANEKO, M.. Symmetry in Sign Language Poetry. *Sign Language Studies*, Washington, v. 7, n. 3, p. 234-318, 2007.

WEININGER, M. J.. Algumas reflexões inevitáveis sobre a tradução de poesia. In: BLUME, R. F., WEININGER, M. J. (Org.) *Seis décadas de poesia alemã: Do pós-guerra ao início do século XXI*. Florianópolis: Editora Ufsc, 2012.